

FAF AGRIMISA.
FALE COM O GERENTE.

AGRIMISA

Com. Brasil

Crescimento pode agravar a inflação

Jorge Rosa

Essa história de que está havendo crescimento da economia, a ponto de se prever uma expansão de 3,5 por cento para o PIB deste ano em relação a 1992, a maior dos últimos três anos, deve ser vista com muita cautela e jamais com euforia. Na realidade se trata de uma anomalia, considerando-se que o País está mergulhado numa economia debilitada e convivendo com níveis elevados de aceleração dos preços. No primeiro semestre, a inflação medida pelo IGP-M da Fundação Getúlio Vargas já acumulava 348,24 por cento, sendo que o índice de junho (31,49 por cento) foi o mais alto desde março de 1990, quando se vivia em plena hiperinflação com taxa mensal de 83,95 por cento.

Por que cautela? O crescimento da economia deve ser harmônico para que não haja desequilíbrios. O que ocorre hoje é uma expansão em alguns setores, enquanto outros permanecem na mais profunda recessão. Por exemplo: enquanto a indústria automobilística experimenta recordes na produção, a eletroeletrônica enfrenta um forte desaquecimento.

O conflito resultante do desequilíbrio entre os diversos setores da economia terá reflexos sobre a qualidade de vida do brasileiro, que já não é lá grandes coisas. Como a expansão não é harmônica não estranhe se de repente houver racionamento de energia elétrica e de água, pois nada indica que o Governo esteja com planos de investir nesses setores para ampliar a oferta e evitar a escassez. Hoje, não há crise porque existe uma demanda reprimida. Isso só para citar alguns serviços públicos básicos, como a energia elétrica e a água. As dificuldades serão generalizadas. Em S.Paulo, por exemplo, já está havendo falta de imóveis para locação e os chamados carros populares só são encontrados com o paga-

mento de água. A tendência natural nestas circunstâncias é ocorrer uma pressão sobre os índices inflacionários.

Só no primeiro quadrimestre do ano, o setor industrial registrou uma expansão real de 14 por cento nas vendas, com a consequente ocupação da capacidade ociosa de produção. O ritmo desse crescimento declinou em maio e no início de junho, em função das expectativas que antecederam ao lançamento do Plano de Ação Imediata, deixando os agentes econômicos um tanto imobilizados. Mesmo assim, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), órgão ligado ao Ministério do Planejamento, projeta para este ano uma taxa de crescimento da ordem de 4,7 por cento para o setor, com destaque para a indústria de transformação, que deve crescer 5,8 por cento.

O Governo comemora com um certo exagero o fim da recessão, como se recessão fosse medida apenas pelo aumento do desemprego e pela queda das vendas. A retomada do crescimento econômico é consequência da melhoria de renda dos assalariados, sejam do setor privado por conta da nova política salarial, sejam do setor público, incluindo aí os benefícios da Previdência Social. Agora já se admite até correção mensal dos salários, na base de 80 por cento da inflação passada. Se essa proposta passar pelo Senado, vai ser um Deus nos acuda na economia.

A inflação tem mantido seu ritmo crescente e nada indica que o Governo conseguirá conter uma superinflação, para não se falar ainda em hiperinflação. O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, tem tentado fazer a sua parte com um forte ajuste nas contas públicas, mas os economistas afirmam que só isso não basta.

Se choque heterodoxo está afastado; se o receituário da recessão não convém ao Governo e se vamos iniciar uma interminável corrida dos salários atrás dos preços, é melhor deixar tudo como está. Mantemos o ritmo da indexação e vai se cortando três zeros do cruzeiro todo o mês.